

AULA DA SAUDADE
30 DE JULHO DE 1994

EVERTON DE ALMEIDA

Ex-aluno nº 129

1949 – 1952

Senhores, senhoras, jovens.

Meus colegas de turma: Ariclo, Carlos, Epaminondas, Francisco, Normandy, Ruy (em memória) e Wilmar.

Nossos estimados professores: Altair Savassi, Amarílio Augusto de Paula, Annibal Barbosa, Armando de Oliveira Brasil, Ângelo Dutra Câmara, Boria Schinaiderman, Fernando Duque Estrada, Francisco Escobar Duarte, Francisco Januário Carneiro, Honório Harmond, João Lopes da Silva, José Vilena Sobrinho, Márcio Ibrahin da Silva, Osvaldo Navarro, Plínio Alvarenga e Regina Chanknan Schinaiderman.

Dedicados funcionários e autênticos servidores públicos: Ademar Dutra, Alberto Bertola, Altenio de Oliveira, Antônio Timóteo, Benedito Barroso, Carlos Duarte Quintão, Ciro Duque Estrada, Geraldo Neves, Hamilton de Abreu Navarro, José Ananias Pires, José Malvar Martins, José Morreira Cuninghan José de Oliveira Gonçalves, Lucas Augusto caldas Marciano, Antônio dos Santos, Marinho Luiz Rocha, Miguel Loschi, Oscar Luiz Costa, Rodolfo Paixão, Romão da Silva Antero e Verríssimo Francisco Neves.

Após muitos anos, depois da nossa passagem por aqui, na cidade de Açu/RN, fomos encontrar num marco de alvenaria, homenageando o poeta Antonio Souto, seu autor, um verso que bem retrata o instante que ora vivemos: setenciou o poeta:

“Quem quiser plantar saudade

Escalde bem a semente

Plante num lugar bem seco

Onde o sol seja bem quente

Pois se plantar no molhado

Ela crescer e mata a gente”

Consideramos uma missão extremamente difícil esta, que nos foi imposta pelo Presidente Simão de Almeida, de falar-lhes de algo tão subjetivo.

Todavia, uma coisa é certa: a saudade é a síntese permanente de passagens que exercitaram a nossa sensibilidade e se infiltraram no consciente.

A sucessão dos nossos dias se nos ofereceu uma pitada do tempo para vivê-la aqui

nesta cidade e, muito particularmente, neste espaço físico ocupado por esta Escola.

Daquele tempo, os prédios, as áreas de trabalho e até esta sala ainda são os mesmos, modificados, aqui e ali, apenas para se ajustarem a evolução. No entanto, as pessoas, aquelas responsáveis pela maioria dos acontecimentos e que cimentaram o nosso relacionamento, muitas delas se fazem fisicamente ausentes: umas, involuntariamente, por terem empreendido a viagem para o Oriente Eterno e outras por motivos que não nos competem, sobre eles, especular.

Tentando um esforço gigantesco sobre um coração/memória desgastado pela imensa carga emotiva e maior ainda por rajadas de sofrimentos que a longevidade nos impõe, iremos tentar colocar fatos e pessoas que marcaram, entre 1949 a 1952, a nossa passagem nesta Escola que reverenciamos como a um templo.

Daqui em diante, pedindo desculpas, irei personalizar a estória, utilizando a primeira pessoa. Individualizarei a saudade até para justificar o poeta: “se alguém tiver de ser a vítima, que seja o narrador”.

A minha trajetória para chegar a Barbacena saindo de Jaraguá, uma cidade, muito querida por mim, do Estado de Goiás, passou pelo Rio de Janeiro, então Capital Federal, onde o tio Alarico Velasco, conseguiu uma carta de apresentação do Chefe de Gabinete do Ministério, para o Diretor da Escola Agrotécnica, Dr. Diaulas Abreu.

Tal carta, escrita pelo tio com a minha colaboração, continha os dados básicos de minha formação ginásial e falava da minha vocação pelo cultivo da terra e criação de animais.

Eu sentia, da leitura, que o Dr. Diaulas Abreu se interessou, de semblante contente, pela informação de que eu era de Jaraguá, município produtor de um excelente fumo-de-rolô que ele já houvera experimentado, mediante uma pequena carga que lhe fora presenteada pelo seu amigo Bernardo Sayão, conforme me confessou.

O Dr. Diaulas, dentro daquela sua fleugma cordial e respeitosa, que o caracterizavam, fez-me ficar à vontade.

Em pouco mais de meia hora colocou-me a par da Escola que eu pretendia freqüentar. Falou-me da admissão ao agrotécnico, da disciplina, da rigidez do horário, dos professores, dos dias de campo, da alimentação, enfim de quase tudo.

Ao final de sua minudente exposição, indagou se eu me dispunha a enfrentar as limitações naturais que um internato, como tal, submetida os arroubos de jovens como eu.

A minha resposta foi positiva. Sim, eu estava disposto a seguir em frente.

Deste circunspeto senhor, enérgico e justo, de conduta exemplar e conselheiro amigo, guardo as mais gratas recordações. O Dr. Diaular acompanhou os meus passos aqui neste recinto e fora dele, assim como o fazia com todos ex-alunos. Fiz questão de vir a Barbacena, quando de minha formatura na ENA, sentar na sala de sua casa na cidade e mais uma vez a ele agradecer por todas as lições de conduta que irradiava pessoalmente e, indiretamente, através dos professores e funcionários sob seu comando na Escola.

Os corredores e pátio interno deste prédio se me descortinaram por volta das 19 horas. Fui conduzido diretamente para a sala de estudos. Aboletei-me numa carteira sob a escada, aguardando os acontecimentos. Ninguém me conhecia e eu, igualmente, a ninguém. A uma fila que se organizou eu fui o último e, por ela, subi para o refeitório, daí para o vestiário e deste para o dormitório dos mais idosos.

O guarda me indicou uma cama na última fileira, próxima à parede leste. A minha primeira noite Barbacenense eu a passei quase em claro: o barulho do trem, cujo passar fazia tremer a cama; o ronco escancarado do vizinho e o martelar do pensamento voltado tanto para as ponderações ouvidas quanto para o meu distante Goiás, foram os meus tormentos.

Lá pelas 5:30 da madrugada quando eu dava meus primeiros cochilos fui assustado com o bater de uma matraca, acompanhada de um convite para o banho. Foi um banho gelado, próprio para arrefecer o entusiasmo, a olhos vistos, dos jovens.

Arrumar a cama com aquela maestria, arte e rapidez do meu vizinho, foi um aprendizado que durou várias semanas. Nos primeiros dias, eu vi que não era bom.

O desjejum do primeiro dia foi o básico de todos os dias: leite, café e pão com manteiga, frutas de vez em quando, ou de quando em vez um mingau.

No pátio, nesse primeiro dia, olhei para um lado e para outro buscando uma nesga de sol. Sentei no último degrau de uma escada. Vi que o fumar era livre. Tratei logo de soltar umas tragadas. Assim de repente surgiu o primeiro veterano, um moreno de olhos castanhos com um sotaque mais para carioca do que para mineiro, interessado mais filar um cigarro do que amizade. Fez as indagações de costume, deu-me o seu número e nome e pediu um cigarro. Seu número 81, seu nome Demóstenes Ayres Vianna.

Neste primeiro dia acompanhei as aulas de Português, Matemática e Ciências. Entrei nas filas do almoço e do jantar me fartei com a batatinha, que por sinal foi companheira de todos os dias e com o macarrão nosso das sextas feiras.

Aos poucos entrei na rotina, alcancei muito rapidamente a condição de saber quem era quem entre os alunos, funcionários e professores.

Pressenti logo as vantagens que gozavam aqueles que sentavam nos lugares estratégicos a mesa de refeição e se obrigavam a servir os diz outros; o privilégio dos atletas como Danton, Alamito, Prisco Viana, Jaime, Mauro, “Bangu”, José Murilo e outros; ou então os cantores como Ivan, André, Demóstenes Rolando e Jaci e ainda os dirigentes gremistas como Sodré, Junqueira, Arlindo e Strong. Esses, como alguns outros que memória não mais me revela, tinham quase que passe livre na temível cafua: ora apenas para apreciar magnífico verde da área externa; ora para se dedicar aos treinamentos no Vila do Carmo; ora para os ensaios dos vocalistas; ora para estabelecer contatos amistosos com as lideranças estudantis e culturais da cidade e, ora, para o vei-e-vem da praça.

De logo eu tentei me infiltrar num desses grupos. Mas fui rechaçado. No futebol não achei posição; no basquete o meu tamanho me barrou; a voz, mesmo sendo afinada, não se sustentava e, finalmente, como político estudantil, eu era um novato. Me agüentei mesmo no bom comportamento para alcançar as saídas cronometradas aos sábados e domingos.

A hora é de saudade, mas a que expresso pode não despertar o mesmo impacto nas recordações e passagens de muitos dos que aqui viveram naquele tempo. Todavia, vou continuar a narração, mesmo que pareça uma autobiografia.

Jamais me perdoaria se, numa oportunidade como esta, deixasse passar em branco os fatos que marcaram em mim, a estória desses dias...

Já lhes disse que eu era um fumante. Pois bem, poucos meses depois de minha chegada, o dinheiro acabou. Do meu pai, que passava apertado para criar a prole de mais sete irmãos, eu não alimentava esperança de receber. Com a opinião firme de não viver filando e nem de aproveitar as “guimbas”, resolvi parar de fumar. Este foi um grande benefício do qual não me esqueço.

Outro grande momento foi o de ter, como colega de turma, o paraibano Epaminondas. Este mestre amigo, até segurando o meu pé para marcar compasso, conseguiu me transformar num razoável saxofonista de “Os colegiais”.

A música desse conjunto, à época contando com o Epaminondas, Cláudio, Getúlio, Demóstenes e comigo, animou carnavais e bailes em Barbacena, Rezende Costa, São João Del Rey, Santos Dumont, Carandaí e Conselheiro Lafayete.

“Os colegiais” era também responsável pelas alegres tardes dominicais-dançantes e bailes no salão da Escola.

O Epaminondas era o líder, o empresário e o caixa do conjunto. Distribuía, sem nenhuma vantagem pessoal, o resultado dos contratos firmados.

Esta participação além de me oferecer uma excelente oportunidade para conhecer pessoas e outras cidades de Minas, me permitiu juntar umas economias e a possibilitar aquelas saídas extras que mencionei.

A minha turma era pequena e nela existiam destaques nem para a genialidade e tão pouco para a mediocridade. Havia os que tinham predileção pelas ciências exatas como o Ariclo, o Carlos e o Francisco, os que dedicavam mais carinho para as biológicas como o Epaminondas, o Normandy e o Wilmar e os do meio termo como era o meu caso e o do Ruy.

Em Barbacena, nesse curto espaço, se destacaram alguns acontecimentos que a marcaram e a nós, desta Escola: a efetivação da Escola Preparatória de Cadetes do AR; as eleições de Getúlio e de Juscelino; a Copa do Mundo e um que passou despercebido, mas de conseqüência também promissora.

Desses, alguns da turma tem o que recordar: a Escola de Cadetes, ela se fez representar participando de uma comissão do Centro Social “Hamilton Navarro” que foi, até lá para desejar boas vindas aos jovens cadetes; das eleições, eu me incluo, aceitei comparecer a quatro seções eleitorais no mesmo dia e exercer o sagrado direito do voto substituindo quatro eleitores que eu não cheguei a conhecer. Houve caso de colegas que votou seis vezes; no último jogo da copa de 50 – Brasil e Uruguai – eu, o Carlos, o Francisco e o Ruy, sob o comando do professor Amarílio, fomos podar laranjeiras numa chácara aqui das redondezas; aquele acontecimento quase passou despercebido para os Barbacenenses, foi um canteiro de feijão-soja cultivado no NA, com a motivação de que se tratava de uma leguminosa excelente para adubação verde e se transformou no que hoje representa para economia brasileira.

A escola era uma comunidade habitada por crianças e jovens, mas por incrível que pareça eu não guardei nenhuma passagem que pudesse manchar as minhas recordações. Era uma grande família cuidada mutuamente. Trafegava entre frutas, doces e produtos de laticínios e não me lembro de ninguém sob castigo por haver apanhado o que quer que fosse; vivia entre espelhos, vitrines e vidraças e nunca vi um vidro sequer quebrado; conservava o máximo os uniformes, calçados, livros, carteiras, parques e jardins.

O quando de formatura da turma de 1952 aí deve estar. A madeira trabalhada, o foi, sob a inspiração e liderança do Francisco, porem cada um dos formandos nele trabalhou para senti-lo como seu. Dos oito, é pena que o Ruy tenha, prematuramente, se afastado do nosso convívio. Mas todos somos unânimes para afirmar que ele foi digno colega e que honra a galeria do ex-aluno desta Escola.

Parafraseando o poeta de Açú eu afirmo: que aqui neste oásis da Mantiqueira foi plantada uma semente, dela resultando uma frondosa árvores que continuará frutificando: alguns de perceptível saudade; outros de saboroso presente e muitos de

promissor futuro.

Finalmente, eu que não sou mineiro, tive a ventura de viver em Minas quando por aqui conviviam alguns dos maiores de sua rica história: Juscelino Kubistchek, Arthur Bernardes, Gustavo Capanema, Bias Fortes, Milton Campos, Tancredo Neves, Afonso Arinos, Gabriel Passos, Bilac Pinto, Pedro Aleixo e, o maior de todos, Diaulas Abreu, o que soube colocar na mão de cada aluno da Agrotécnica a tocha que continuará percorrendo o tempo, clareando a estrada para todos os que precisam e queiram sair das trevas e alcançar a luz.

Muito obrigado.

Everton de Almeida
Av. T. 4, 575 / Ap 400
Setor Bueno . Goiânia / GO
CEP: 74223-020